

EXPLORAÇÃO VISUAL DAS LÍNGUAS DO AMAPÁ: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA ATRAVÉS DE NUVENS DE PALAVRAS

Marli Santos da Silva ¹
Agenor Sousa Santos Neto ²

RESUMO

O estado do Amapá, localizado na região Norte do Brasil, é caracterizado por uma rica diversidade linguística, que inclui línguas indígenas e crioulos afro-brasileiros. Logo, este estudo apresenta como objetivo analisar a diversidade e a frequência dos termos associados às línguas faladas no estado do Amapá, utilizando técnicas de visualização de dados para uma compreensão mais clara e acessível. Desta forma, a metodologia adotada envolve a aplicação de ferramentas de mineração de texto e análise de frequência para criar nuvens de palavras que representam visualmente a importância e a distribuição dos termos associados às línguas amapaenses. Os resultados mostram uma rica diversidade de vocabulário que reflete a complexidade das línguas do Amapá. As nuvens de palavras geradas evidenciam não apenas as línguas predominantes, mas também o papel cultural e social de termos específicos dentro das comunidades linguísticas. A análise destaca a necessidade de preservação e promoção das línguas menos documentadas. A utilização de nuvens de palavras como ferramenta visual se mostra eficaz para a exploração e a representação das línguas do Amapá, oferecendo uma visão compreensiva e intuitiva da sua diversidade linguística. O estudo sublinha a importância de métodos inovadores para a documentação e a valorização das línguas indígenas e locais, incentivando futuras pesquisas e ações de preservação linguística na região.

Palavras-chave: Revisão sistemática, Nuvem de palavras, Línguas do Amapá, Diversidade linguística, Brasil.

INTRODUÇÃO

A variação do português brasileiro não deve ser interpretada como sinal de caos, distorção ou ameaça à língua. Pelo contrário, de acordo com o desenvolvimento dos estudos linguísticos, a variação é uma característica intrínseca a qualquer língua humana, podendo ser observada tanto sincronicamente, por meio da diversidade dialetal, quanto diacronicamente, pelos processos de mudança linguística.

Assim, a língua é entendida como um fenômeno social e cultural, sujeito a variações e transformações, desafiando a visão antiga de que seria uma realidade unitária e homogênea. Nesse contexto, a língua, ao refletir a cultura e a história de um povo, deve ser analisada em sua realização prática no contexto de interação. Faraco (2016) afirma

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Cesumar - AP, marlisantossilvaa@gmail.com;

² Professor do Curso de Engenharia de Produção da Universidade do Estado do Amapá - AP, agenor.neto@ueap.edu.br

que as línguas estão profundamente ligadas às dinâmicas histórico-políticas e às construções ideológicas das sociedades que as falam, ressaltando que as línguas não existem de forma isolada, mas em interação com seus falantes e as sociedades que as utilizam.

Concordando com essa perspectiva, observa-se que o léxico, por ser o nível linguístico mais suscetível a modificações, reflete alterações sociais e culturais, o que implica mudanças nos usos vocabulares (BIDERMAN, 2001). Essas transformações revelam a influência do ambiente físico e social em que os indivíduos estão inseridos, permitindo não apenas a alteração do significado ao longo do tempo histórico, mas também a criação de novas unidades lexicais e o desuso de outras, em resposta às necessidades de comunicação dos falantes.

Portanto, as mudanças no léxico são moldadas não apenas por fatores linguísticos, mas também, e principalmente, por fatores extralinguísticos, como contatos interétnicos e condições socioeconômicas e geográficas, resultando em distintas normas lexicais usadas por diferentes grupos sociais. O léxico, embora tenha sido historicamente subordinado a outros níveis da língua, como a morfossintaxe, começou a ganhar destaque na linguística contemporânea como um "elemento central da língua" (VILELA, 1979), desafiando a hegemonia da sintaxe nos estudos linguísticos (MACHADO FILHO, 2010).

Nesse contexto, destaca-se o Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, um dos principais projetos de cunho dialetal e sociolinguístico do país. A ideia de criar um atlas linguístico para o Brasil surgiu com o decreto 30.643, de 20 de março de 1952, que instituiu a Comissão de Filologia para realizar pesquisas abrangendo diversos aspectos da língua portuguesa, incluindo fonologia, morfologia, sintaxe, léxico, etimologia, entre outros, com o objetivo de elaborar o "Atlas Linguístico do Brasil" (BRASIL, 1952).

Para entender o processo de povoamento e mobilidade demográfica na Região Norte, é essencial considerar o impacto das diásporas nas formas de reorganização social nos novos territórios. Os deslocamentos e as interações com o novo ambiente são constitutivos de significados culturais, e não apenas uma extensão do lugar de origem. Embora se possa afirmar que “mesmo os membros da mais minúscula nação jamais conhecerão a maioria de seus compatriotas, todos devem ter em mente a imagem viva da comunhão entre eles” (ANDERSON, 2008), é crucial traçar os caminhos históricos e socioculturais para compreender a formação da nação brasileira e a adoção da língua portuguesa no vasto e diverso território nacional.

A análise da sócio-história do português brasileiro revela que a língua europeia começou a ser transplantada para o Brasil no século XVI com a colonização. No entanto, devido ao contexto de multilinguismo predominante no Brasil-Colônia, o português só se tornou majoritário e oficial em meados do século XVIII. De acordo com Silva (2004), a política linguística e cultural definida por Pombal em 1757 estabeleceu o português como língua oficial, obrigando seu uso na documentação e implementando o ensino leigo, o que antes era restrito à Companhia de Jesus.

O ideal homogeneizador do português procurou gradualmente eliminar as marcas das línguas autóctones e africanas, o que levou à "vitória da língua portuguesa", conforme afirmado por Serafim da Silva Neto, que observou que a linguagem dos negros e índios não se impôs permanentemente devido à falta de prestígio frente à cultura escolar (SILVA, 2004).

No entanto, o português trazido pelos colonizadores passou a incorporar novas características devido ao contato com diferentes povos e culturas, resultando em uma língua que se distancia da matriz original e reflete a diversidade social e cultural. Lucchesi (2004) sugere que a interação entre as normas populares e cultas, representadas pela vasta maioria e por uma minoria com acesso ao ensino, caracteriza a pluralidade da língua portuguesa no Brasil. Como Lucchesi (2009) aponta, o contato dos portugueses com milhões de falantes de diversas línguas indígenas e africanas moldou significativamente as mudanças linguísticas no português brasileiro. Assim, a complexa situação de contato linguístico revela o impacto do extermínio das línguas indígenas e dos seus povos na história linguística do Brasil.

É fundamental reconhecer o preconceito generalizado em relação às línguas ágrafas, como as línguas indígenas e africanas. Muitas vezes, a hegemonia do português é explicada com base em suas qualidades inerentes, sob a premissa de que as línguas europeias são superiores às demais. O português é frequentemente descrito como uma língua estruturada e uma "língua de cultura", como ressalta Houaiss (1992), enquanto as línguas indígenas, que serviram de base para as línguas gerais, são consideradas pobres e incapazes de expressar conceitos abstratos.

Esse esquecimento sobre a relevância das línguas menos valorizadas no Brasil pode estar vinculado à ideia, bastante difundida, de que a fluência linguística está diretamente associada à capacidade de pensamento racional. Sendo a língua um elemento fundamental da identidade nacional, desde 1500 foi construída uma unidade linguística em torno do português, que passou a ser a única língua dos brasileiros, ignorando a ampla

presença da língua geral amazônica e da língua geral paulista durante o período colonial em diversas partes do território nacional (FREIRE, 2004).

É sabido que o português incorporou um número significativo de palavras indígenas. Rodrigues (1994) aponta que, de uma amostra de cerca de mil nomes de aves, um terço (350) é de origem tupinambá; quanto aos nomes de peixes, de uma amostra de 550, quase a metade (225) vem da língua indígena. Além disso, há uma grande quantidade de termos relacionados a lugares, plantas, animais e alimentos com origem indígena. Essa contribuição lexical indica que o elemento indígena era predominantemente rural, e não urbano.

Por outro lado, a influência lexical dos africanos foi mais pronunciada em objetos e manifestações de caráter religioso, refletindo sua presença tanto nas áreas rurais quanto urbanas. Embora o tráfico de escravos tenha sido autorizado em 1549, a data exata da chegada dos primeiros escravos ao Brasil não é clara – Ribeiro (1954) sugere que sua chegada “deve datar pelo menos do ano de 1532”, uma informação corroborada com a mesma reserva por Prado Júnior (1971). Também não se sabe com precisão o número de africanos trazidos ao Brasil. No entanto, é certo que, ao chegarem, encontraram um cenário já multilíngue, e muitas línguas africanas foram introduzidas no país.

Castro (2006) destaca a dificuldade em determinar quais línguas africanas foram faladas pelos cinco a oito milhões de indivíduos trazidos ao Brasil ao longo de mais de três séculos. Todos os documentos oficiais relacionados ao tráfico foram destruídos em 1891, e os relatos sobre a vida dos escravos no Brasil não consideravam sua origem ou mencionavam as línguas que falavam.

A diversidade linguística é um aspecto fundamental da identidade cultural e social de uma nação. No Brasil, país conhecido por sua vasta riqueza cultural, essa diversidade se manifesta de maneira expressiva, especialmente em regiões como o estado do Amapá, onde diversas línguas indígenas e afro-brasileiras coexistem. As línguas faladas no Amapá são um testemunho da história complexa e da pluralidade étnica que caracteriza a região.

O estado do Amapá está situado na região Norte do Brasil e possui uma população étnica diversificada, composta por povos indígenas e comunidades afrodescendentes. Esta diversidade é linguisticamente refletida nas línguas faladas na região, que pertencem a diversas famílias linguísticas, como Tupi, Aruak, Karib, além dos crioulos afro-brasileiros resultantes da interação entre línguas africanas e o português.

As línguas indígenas do Amapá são parte integrante da herança cultural desses povos e desempenham um papel crucial na transmissão de conhecimentos tradicionais, práticas religiosas, e no fortalecimento da identidade étnica. No entanto, muitas dessas línguas enfrentam desafios significativos, incluindo o risco de extinção devido a fatores como o deslocamento cultural, pressões econômicas e políticas, e a falta de políticas efetivas de preservação linguística.

Este estudo propõe realizar uma revisão sistemática de literatura sobre as línguas do Amapá, utilizando como ferramenta analítica a nuvem de palavras. Esta técnica permite visualizar de forma gráfica e intuitiva as palavras mais frequentes nos textos selecionados, revelando os temas predominantes na pesquisa acadêmica e científica sobre o assunto. O objetivo principal é identificar lacunas na pesquisa existente e fornecer *insights* para futuras investigações que promovam a valorização e preservação das línguas do Amapá.

A questão de pesquisa orientadora deste estudo é: "Quais são os principais temas e tendências nos estudos acadêmicos sobre as línguas do Amapá?"

METODOLOGIA

De acordo com Petticrew e Roberts (2006), a revisão sistemática de literatura é uma metodologia de pesquisa que visa sintetizar e avaliar criticamente as evidências disponíveis sobre um determinado tema, utilizando critérios explícitos e rigorosos para identificar estudos relevantes. Esta abordagem é especialmente útil em áreas como a linguística, onde há uma quantidade significativa de estudos dispersos que precisam ser sistematizados para proporcionar uma visão abrangente do campo.

Para este estudo, a revisão sistemática será conduzida com o objetivo de explorar como as línguas do Amapá têm sido abordadas na literatura acadêmica e científica. A técnica de nuvem de palavras será empregada como uma ferramenta complementar de análise textual, permitindo a visualização das palavras-chave mais frequentes nos artigos revisados. Essa análise visual não apenas facilita a identificação de temas predominantes, mas também ajuda a identificar lacunas de pesquisa e áreas que requerem maior atenção.

A busca por estudos será realizada no Portal de Periódicos da Capes (<https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/>), utilizando termos de busca específicos relacionados às línguas do Amapá, como "línguas indígenas do Amapá",

"crioulos afro-brasileiros do Amapá", entre outros. A seleção dos estudos será feita de acordo com os critérios de inclusão e exclusão pré-definidos:

- **Critérios de Inclusão:**

- Estudos publicados em periódicos acadêmicos ou revisados por pares.
- Estudos que abordem aspectos linguísticos das línguas do Amapá.
- Estudos que utilizem métodos variados, como análise linguística, histórica, antropológica, entre outros.

- **Critérios de Exclusão:**

- Estudos não relacionados diretamente às línguas do Amapá.
- Estudos que não estejam disponíveis em texto completo.
- Relatórios técnicos, dissertações e teses não publicadas.

Os dados extraídos dos estudos incluirão informações como título, autores, ano de publicação, métodos utilizados, principais resultados e conclusões. Esses dados serão organizados em uma planilha para facilitar a análise e a síntese posterior.

A análise dos dados será realizada em duas etapas principais: análise qualitativa e análise visual através da nuvem de palavras.

- **Análise Qualitativa:** Os estudos selecionados serão analisados quanto aos temas principais abordados, principais metodologias utilizadas e conclusões alcançadas. Esta análise fornecerá uma compreensão detalhada dos padrões emergentes na pesquisa sobre as línguas do Amapá.
- **Nuvem de Palavras:** Utilizando o software MAXQDA® para nuvem de palavras, serão criadas visualizações gráficas das palavras-chave mais frequentes nos títulos, resumos e palavras-chave dos estudos revisados. Essas nuvens de palavras serão interpretadas para identificar os temas e conceitos mais enfatizados na literatura revisada.

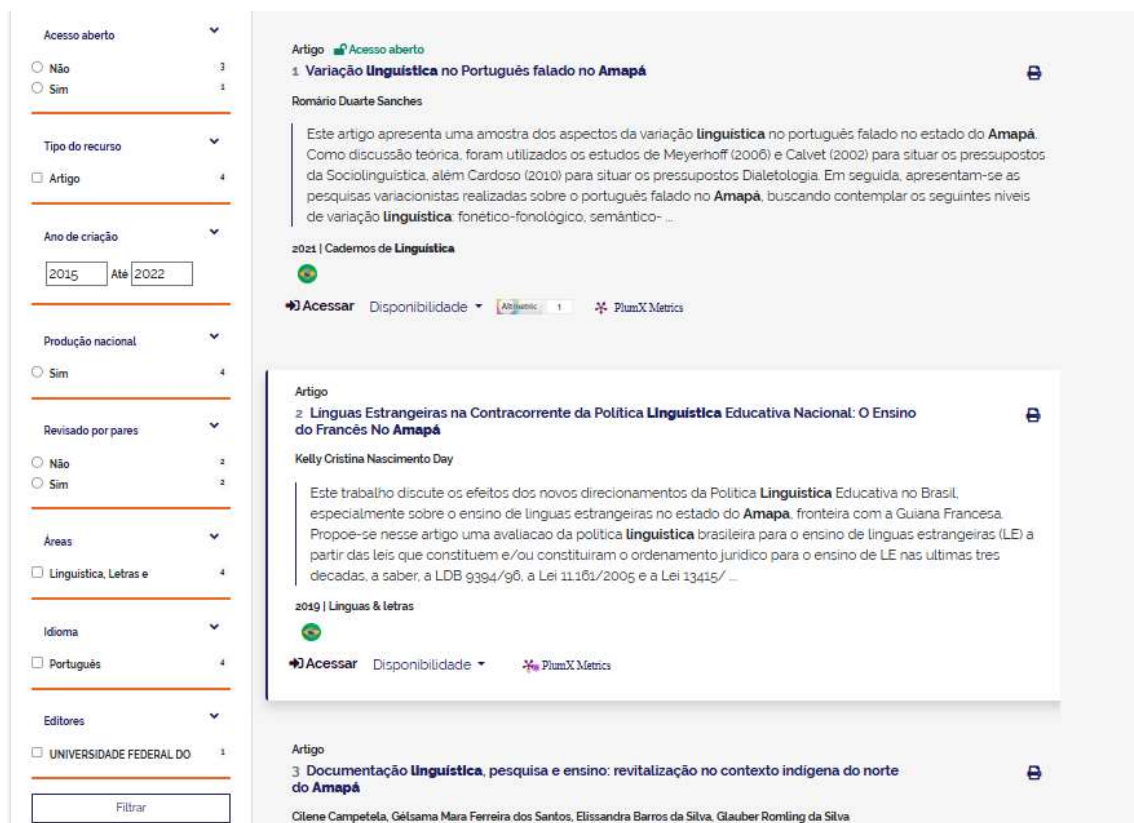
A interpretação dos resultados incluirá a discussão dos principais temas identificados, lacunas na pesquisa existente e implicações para políticas públicas e práticas de preservação linguística no contexto do Amapá. Além disso, serão discutidas recomendações para futuras pesquisas que possam contribuir para o enriquecimento do

conhecimento sobre as línguas do Amapá e para a promoção da diversidade linguística no Brasil.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, são apresentados os resultados da revisão sistemática de literatura realizada sobre o campo da linguística no Amapá. Após uma análise minuciosa das fontes disponíveis, foram selecionados quatro artigos relevantes que fornecem *insights* significativos sobre a área. Estes artigos foram escolhidos com base em critérios rigorosos de relevância e qualidade metodológica, e cobrem diferentes aspectos da linguística no contexto amapaense, conforme Figura 1.

Figura 1 – Resultados da Busca de Artigos sobre Linguística no Amapá



Os artigos tiveram sua busca realizada no Portal de Periódico da Capes, considerando período de criação entre 2015 e 2022. Tanto artigo de acesso aberto quanto de acesso fechado foi considerado para a pesquisa. Além disso, todas as obras são de produção nacional e em língua portuguesa, estando inseridos na área “Linguística, Letras

e Artes”. Para inclusão nesta pesquisa foram aceitos apenas artigos que tivessem em seus títulos as palavras “Amapá” e “linguística”. Os quatro estudos selecionados são:

1. **"Variação Linguística para 'Cigarro de Palha' e 'Toco de Cigarro' no Atlas Linguístico do Amapá"** - Este artigo, escrito por Romário Duarte Sanches e Abdelhak Razky e publicado em 2015 no periódico *Todas as Letras - Revista de Língua e Literatura*, explora a variação linguística observada no corpus do projeto Atlas Linguístico do Amapá para os termos lexicais 'cigarro de palha' e 'toco de cigarro'. A pesquisa segue os pressupostos teórico-metodológicos da Dialectologia e da Geolinguística, revelando que 'cigarro de palha' apresenta dez variantes no Amapá, das quais as mais frequentes são porronca, tabaco e charuto. O termo 'toco de cigarro' possui oito variantes, destacando-se a variante bagana.
2. **"Variação Linguística no Português Falado no Amapá"** - Redigido por Romário Duarte Sanches e publicado em 2021 no periódico *Cadernos de Linguística*, este artigo oferece uma amostra abrangente da variação linguística no português falado no Amapá. O estudo abrange os níveis de variação fonético-fonológica, semântico-lexical, morfossintático e prosódico. Identificaram-se 22 estudos sobre variação fonético-fonológica, 21 sobre variação semântico-lexical, cinco sobre variação morfossintática e dois sobre variação prosódica. Os dados permitem traçar um perfil linguístico preliminar do português no Amapá, incluindo variações lexicais para termos como garoa, conjuntivite, nuca e cambalhota.
3. **"Documentação Linguística, Pesquisa e Ensino: Revitalização no Contexto Indígena do Norte do Amapá"** - Escrito por Cilene Campetela, Gélsama Mara Ferreira dos Santos, Elissandra Barros da Silva e Glauber Romling da Silva e publicado em 2017 na *Revista Linguística*, este estudo foca nas iniciativas de valorização e revitalização das línguas indígenas no curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá. O curso abrange uma rica diversidade linguística e cultural, incluindo línguas das famílias Tupi-Guarani, Arawak e Karib, além do crioulo Kheuól. O artigo discute metodologias de documentação, práticas de ensino e pesquisa para as línguas Kheuól, Karipuna, Galibi-Marworno e Parikwaki (Arawak).
4. **"Línguas Estrangeiras na Contracorrente da Política Linguística Educativa Nacional: O Ensino do Francês no Amapá"** - Este artigo, de autoria de Kelly

abordando aspectos específicos da realidade linguística, educacional ou sociocultural do Amapá.

- b) Aspectos Locais: Reflete um foco regional, possivelmente em estudos ou discussões sobre a diversidade linguística, políticas educacionais ou práticas de ensino que são específicas para o Amapá.

2. Língua / Línguas

- a) Diversidade Linguística: A repetição do termo "língua" e seu plural "línguas" destaca uma preocupação com a multiplicidade e a riqueza dos idiomas presentes na região. Isso pode sugerir um interesse em como diferentes línguas coexistem, são usadas ou são ensinadas no Amapá.
- b) Documentação e Revitalização: Pode indicar a importância de documentar, preservar e revitalizar as línguas locais, especialmente no contexto de línguas indígenas e outras línguas menos faladas.

3. Linguística

- a) Estudo e Análise: O termo "linguística" sugere uma abordagem acadêmica ou científica para o estudo das línguas. Pode implicar que os textos ou discussões relacionadas à nuvem de palavras estão focados na análise teórica e prática da linguagem, incluindo aspectos como fonética, semântica, sintaxe e sociolinguística.
- b) Métodos e Teorias: Pode estar relacionado à aplicação de métodos e teorias da linguística para compreender fenômenos linguísticos específicos no Amapá.

4. Variação

- a) Variabilidade Linguística: A inclusão de "variação" sugere um interesse em como as línguas variam em diferentes contextos ou entre diferentes grupos de falantes. Isso pode englobar variações regionais, sociais ou situacionais da língua.
- b) Análise Dialetal: Pode estar associado ao estudo de diferentes variantes ou dialetos do português e de outras línguas faladas no Amapá, refletindo uma preocupação com a diversidade linguística interna.

5. Ensino

- a) Educação Linguística: A presença do termo "ensino" indica que há uma ênfase em práticas pedagógicas relacionadas à linguagem. Isso pode incluir a forma como as línguas são ensinadas no Amapá, bem como as políticas e métodos de ensino que são aplicados.
- b) Formação e Políticas: Pode estar relacionado a discussões sobre a formação de professores, o currículo de línguas e as políticas educacionais que impactam a educação linguística na região.

A combinação desses termos na nuvem de palavras sugere um foco abrangente em como a linguística, a variação linguística e o ensino estão interligados no contexto específico do Amapá. Esse conjunto de palavras pode refletir discussões sobre: i) análise da variação linguística específica do Amapá, incluindo tanto o português quanto as línguas indígenas e outras línguas locais; ii) questões relacionadas ao ensino das línguas no Amapá, incluindo metodologias de ensino e políticas educacionais voltadas para a diversidade linguística e iii) o papel da linguística em entender e enfrentar os desafios da variação linguística e na promoção da educação bilíngue ou multilíngue na região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo alcançou seu objetivo, pois contribuiu para o entendimento e valorização das línguas do Amapá por meio de revisão sistemática de literatura e utilização de nuvem de palavras como ferramenta analítica. Ao sintetizar o conhecimento existente e visualizar as tendências através das nuvens de palavras, pôde-se não apenas mapear o estado atual da pesquisa, mas também destacar áreas que necessitam de maior atenção e investigação.

A preservação das línguas indígenas e afro-brasileiras do Amapá é essencial não apenas para a diversidade cultural, mas também para a manutenção da identidade e dos direitos das comunidades locais. Portanto, este estudo tem o potencial de informar políticas públicas e práticas educacionais que promovam a valorização e a sustentabilidade das línguas do Amapá no cenário contemporâneo.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BIDERMAN, M. T. C. Fundamentos da Lexicologia. In: BIDERMAN, M. T. C. **Teoria linguística**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BRASIL. Decreto no 30.643, de 20 de março de 1952. Institui o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa e dispõe sobre o seu funcionamento. **Coleção de Leis do Brasil**, v. 2, p. 170, 1952.

CASTRO, I. P. A matriz africana no português do Brasil. In: CARDOSO, S. A. M. et al. (Org.). **Quinhentos anos de história linguística do Brasil**. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006.

FARACO, C. A. **História sociopolítica da língua portuguesa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

FREIRE, J. R. B. **Rio Babel: a história das línguas na Amazônia**. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

HOUAISS, A. **O português no Brasil**. 3 ed. Rio de Janeiro: Revan, 1992.

LUCCHESI, D. História do contato entre línguas no Brasil. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.

LUCCHESI, D. Norma linguística e realidade social. In: BAGNO, M. (org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Edições Loyola, 2004. p. 63-92

MACHADO FILHO, A. V. L. D. Um ponto de interseção para a dialetologia e a lexicografia: a proposição de elaboração de um dicionário dialetal brasileiro com base nos dados do ALiB. **Estudos Linguísticos e Literários**, n. 41, p. 49-70, 2010.

PETTICREW, M.; ROBERTS, H. **Systematic reviews in the social sciences: a practical guide**. Hoboken: Wiley, 2006.

PRADO JÚNIOR, C. **História econômica do Brasil**. 14 ed. São Paulo: Brasiliense, 1971.

RIBEIRO, J. **História do Brasil**. 15 ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1954.

RODRIGUES, A. D. **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Loyola, 1994.

SILVA, R. V. M. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

VILELA, M. **Estruturas léxicas do português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1979